

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 11 – Antes Que o Dia Acabe

I

– Você acha que vão nos deixar matar ele no final? – disse Stevenson.

– Não sei – respondeu Andrew.

– Eu ainda não entendi por que droga não deixaram a gente dar um fim no maldito do Carlin quando nos mandaram capturá-lo da última vez. Você tem ideia do motivo?

– E como é que eu vou saber?!

Andrew realmente não sabia o maldito motivo de não poderem matá-lo. Não conseguia entender por que deviam capturá-lo, deixá-lo indefeso e quase sem possibilidades de conseguir andar para que, no final, não pudessem matar o maldito do Carlin Adams. Ainda queria, de qualquer forma, se vingar devidamente dele, mas o que fizeram ao desgraçado não era suficiente. Simplesmente não era suficiente.

Da última vez, o velho Oliver apareceu e contratou a todos eles para capturar Carlin vivo. Ele deu as informações de onde Adams estava e de como driblar todos os obstáculos para tirá-lo da propriedade de Sir Ektor sem que muitos interferissem. Andrew teria aceitado o trabalho mesmo que o velho não pagasse nada, tudo o que queria era pôr um fim à vida daquele desgraçado. Mas, quando trouxeram Carlin, o velho fez algumas perguntas e o deixou ir embora, como se nada tivesse acontecido. E o pior, aquele velho os proibira de fazer qualquer coisa com Adams. Foi difícil para todos aceitar isso, especialmente para Andrew, mas não tinham coragem de ir contra a vontade do velho Oliver. Aquele homem mal conseguia manipular aura e espírito, mas ele com certeza tinha outros meios de fazer cumprir qualquer ameaça.

Dessa vez, logo que souberam do que aconteceu com a Fundação Levine, o velho Oliver apareceu novamente para que Carlin fosse capturado. Adams estava em Londres com 3 outros homens que deviam fazer parte da Fundação Levine também. Tudo ficou muito fácil quando Carlin se separou deles. Carlin Adams era forte, mas Andrew Lawton era quase tanto quanto ele, e não estava sozinho. Eram 7 contra 1, e nenhum dos 7 era fraco. Carlin deu trabalho, mas caiu. Agora, se eles poderiam fazer algo, só saberiam quando o velho Oliver chegasse. Só se atreveram a levar o castigo até o ponto em que Carlin desmaiou e puderam injetar redsky nele.

– Quando o velho chegar, veremos o que ele vai dizer – disse Andrew. Até lá, ninguém mais toca nele.

Stevenson baixou a cabeça.

– Só uma palavra, e eu faço ele implorar pela morte. Ele traiu a gente, droga! Ele não pode continuar vivendo assim!

– Silêncio, Steve! Eu quero o mesmo que você, mas você tem coragem de dizer ao velho Oliver que fez uma coisa que ele proibiu?

As mãos de Stevenson tremiam em uma fúria represada. Ele não deu resposta a Andrew. Limitou-se a ficar encarando o chão.

Alguns minutos de silêncio correram, mas não levou muito tempo até que dois homens viessem andando através da noite em direção a Andrew e Stevenson. Não sabia quem era o da frente, um homem negro e corpulento que passava dos 2 metros de altura, mas aquele que vinha em seguida não podia ser outra pessoa senão o velho Oliver. Estava vestido elegantemente, com um belo sobretudo preto e cachecol, além da bengala que era sua inseparável companheira. Ele falou ao aproximarem-se.

– E Carlin?

– Está pronto para o senhor, logo ali dentro – respondeu Andrew friamente.

O velho não falou mais nada e foi na direção apontada. Só havia uma porta em seu caminho. Ele a abriu e entrou no galpão. Andrew seguiu o velho, logo após que o outro homem, que acompanhava o velho, entrou no galpão também.

Carlin estava sentado em uma cadeira de madeira sem apoio para os braços. Estava notadamente abatido. Sua cabeça baixa e braços pendurados denotavam isso. Além de que, é claro, as feridas que percorriam todo seu corpo eram mais que o suficiente para fazer notar o ocorrido. Próximos a Carlin estavam os dois que Andrew deixara observando-o. O velho Oliver fitou-os de imediato.

– Podem sair, vocês.

Os dois olharam para Andrew, que confirmou a ordem com a cabeça, e saíram. O velho olhou para Carlin e então para Andrew.

– Pode sair também – ordenou.

– Eu prefiro ficar para observá-lo. Esse cara é traiçoeiro, senhor – respondeu Andrew.

– Não é necessário. Bill pode cuidar de qualquer coisa.

– Sem faltar com o respeito, senhor, mas prefiro não arriscar mesmo assim.

O homem negro, chamado Bill, adiantava-se para retirar Andrew a força, mas o velho interveio.

– Deixe assim, Bill. Deixe-o ficar.

Me deixar ficar, é? Que velho folgado.

– Como você está, Carlin? Espero que não tenham exagerado na dose com você – começou o velho, ao aproximar-se de Carlin, que já o vinha observando há alguns instantes.

– Precisa usar outros métodos quando quiser chamar minha atenção, velho – sorriu Carlin ao responder.

– Bem, você entende, não é?

– Entendo que é a segunda vez em 3 anos que você me apronta algo assim.

– Então entenda, Carlin – o tom de voz do velho passou de gentil a autoritário –, entenda que as pessoas que eu represento ficaram nervosas quando souberam da sua saída da Fundação Levine, tão nervosas quanto ficaram no dia que você entrou. E quando eles ficam nervosos, eu preciso agir com você. Esse é meu trabalho.

– Então é por isso? Só porque eu saí da Grey Star?

O velho o olhou por um instante, mas Carlin continuou antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

– Não, é porque eu saí no dia em que ela foi atacada, entendo. Pode tranquilizar seus donos, velho, eu não contei nada a ninguém. Nem a Sir Ektor, nem ao Marinville, nem a ninguém. Saí porque o que eu devia fazer lá já acabou. Não faz mais sentido servir de cachorro pra eles, muito menos agora que eles estão derrotados. Não acha que estou certo?

O velho Oliver continuou olhando cerradamente. O escrutínio durou alguns segundos apenas, e o velho respondeu.

– Sim, você deve estar certo. Contanto que você não tenha falado nada que não deve...

– Não tenha dúvidas, velho. Eu não vou falar nada além do que é permitido.

– Melhor assim – o velho Oliver mudou o tom de voz novamente. Sabe o porquê de eu ter mandado te trazerem aqui dessa forma, não é? Poderíamos ter lidado com você mais facilmente, mesmo quando ainda estava junto aos outros da Grey Star. Contudo, decidi que seria melhor assim. Espero que você mantenha sempre isso em mente: estou sempre com os dois olhos mantidos em você, Carlin Adams.

Por um momento, Carlin olhou o velho Oliver diretamente nos olhos, e o velho fez o mesmo. Um minuto de um silêncio sufocante. Carlin foi o primeiro a falar.

– Ah, velho, para com isso. Você sabe que eu já sei de tudo que você quer falar. Não vai conseguir me deixar mais assustado, e eu também não vou me esquecer de nada, você sabe disso. Da próxima vez, mande uma carta.

– Hum. Talvez. Espero que não precise de uma próxima vez. Adeus, Carlin.

O velho se virou e começou a andar em direção a porta pela qual entrara no galpão.

– Adeus, velho – falou Carlin.

O velho homem continuou andando até a porta e seguido por Bill. Andrew foi o primeiro a sair, antes mesmo de Oliver. Ao encontrar com ele do outro lado, o velho lhe falou.

– Deixo-o ir. Não acredito que ele tenha falado nada, realmente. Não posso fazer nada sem ter certeza.

– Quer que eu o deixe ir embora do jeito que está?

– Sim – o homem continuou andando e nem mesmo olhou Andrew ao responder.

– Sabe, senhor, meus homens e eu gostaríamos de entender por quê.

O velho parou e se virou dessa vez.

– Vocês não precisam entender desses assuntos. Precisam me obedecer, e só.

– Nós não somos seus empregados, senhor, apenas fizemos um acordo de trabalho específico.

– E esse acordo agora acabou, não é? – O velho riu.

– Da última vez, meus homens quase não me escutaram. Desde aquele dia, todos nós estamos angustiados, não podemos deixar aquele filho da mãe do jeito que está.

– Se tocarmos naquele homem, vão entender o real significado de angústia. Será que seus homens têm tanta determinação assim? Então ponham-se à prova. Isso se aplica a você também, moleque. Faça o que eu digo. Essa conversa acabou.

Virou-se e continuou andando.

O punho de Andrew fechou-se numa ira silenciosa enquanto os dois homens saíam por onde tinham chegado há pouco. Quando eles se foram, Andrew entrou no galpão e bateu a porta atrás de si. Carlin ainda estava lá.

– Traidor maldito! Você ainda me deve muito.

Carlin olhou para Andrew sem expressão no rosto.

– Ah, vamos, Andrew, isso ainda é porque eu deixo o seu grupinho para trás?

– Você nos abandonou quando mais precisávamos. Eu devia ter cortado sua garganta quando tive a chance – falou rindo, mas a fúria dentro de si não correspondia ao tom de voz que estava usando.

– Para com isso. Nós dois sabemos que o velho não vai deixar você me matar.

A fúria fazia o corpo inteiro de Andrew tremer.

– Não, ele não deixa. Mas será que você não tem ninguém com quem se importe? Aquela sua ex-namorada, como ela se chama mesmo? Susy? É isso? Será que ela vai gostar de receber uma visita minha?

Uma emoção brotou nos olhos de Carlin por um momento, mas Andrew não tinha certeza do que se tratava. Carlin baixou a cabeça e fitou o chão com as mãos sobre os joelhos. Estava visivelmente exausto.

– Ela foi o único relacionamento sério que você teve na vida, não foi? Como ela reagiria se acordasse com um homem como eu ao lado? – Andrew aproximou-se do ouvido de Carlin para falar o restante. Eu me pergunto se ela é muito boa. Você gostou muito do que teve com ela, certo? Ela deve ser especial no que faz, não? Muito espe...

A confusão e o desespero nublaram a mente de Andrew quando entendeu que Carlin estava com um pedaço fino de vidro afiado em sua mão direita e o tinha usado para atravessar seu pescoço. Sentiu o sangue descer-lhe pela garganta quando parou de falar.

Olhou Carlin Adams sem entender nada. Carlin lhe tirou as dúvidas.

– Você continua tão burro quanto antes, Andrew – falava amistosamente. O efeito do redsky pode passar mais rápido se a pessoa que recebeu a dose tiver a inteligência para implementar alguns procedimentos em si mesma. Além disso, aquela dose que vocês me deram não duraria mais de 6 horas no meu organismo e já fazem quase 5 que injetaram aquilo em mim. Sinceramente, ninguém no grupo entende nada sobre redsky? Vocês só matam todas as pessoas que conhecem? Nunca sequestraram ninguém? Ninguém que usa aura? Por que não chama os outros pra eu perguntar... Ah, desculpe.

Quando retirou o vidro, a dor foi insuportável, mas morreu dentro de si com um grito abafado pelo líquido que lhe enchia a garganta agora. Andrew caiu de joelhos aos pés de Carlin. Mesmo assim, ainda continuou a olhar imóvel o seu inimigo.

– Sabe, Andrew – começou Carlin –, você não devia se meter com o meu passado.

Carlin olhou-o com uma piedade seca nos olhos.

– Nenhum de vocês devia.

Ele levantou a mão com o pedaço de vidro acima da cabeça...

– Não é problema de vocês.

...e a mão desceu.

II

O display da TV a sua frente emitia luz diretamente nos olhos de Michael. Era a única luz em todo o quarto. Não conseguia dormir, mas já havia se acostumado com isso. Desde que chegaram a Londres, Michael ainda não tinha visto seu pai, e seu irmão foi levado para análise médica em outro lugar e não havia voltado. Michael foi proibido de sair do quarto. Teria desobedecido essa ordem se não fosse seu tio Ben quem lhe tivesse ordenado. Ele não lhe disse muito mais, estava com muita pressa, mas garantiu que seu pai estava bem e que Brian seria tratado tão bem quanto possível.

Contudo, Michael podia sentir que algo não estava certo. Michael também não havia entendido bem o que aconteceu na Fundação Levine, e seu tio Ben não sabia nada sobre a Carol. O jovem Makoto não sabia mais o que pensar. Depois de algum tempo, estava manifestamente desconfortável, não conseguia se concentrar em nada. Até sua aura estava perturbada, se fosse há alguns meses, com certeza já teria desmaiado por conta do desperdício de aura.

Pelo menos eu estaria dormindo. Se eu descansar, talvez minha cabeça melhore.

Repetia isso para si, na tentativa de fechar os olhos. No entanto, antes que um minuto pudesse passar, ele estava novamente olhando para a luz do display da TV bem em sua frente.

Com toda a certeza, ainda não havia chegado a meia noite. Longe disso. Provavelmente, ainda não eram sequer 9 da noite. Ainda assim, Michael tinha o corpo pesado e a mente abatida. O que mais precisava era dormir, mas não conseguia, não importava o que fizesse.

Com o passar das horas, sentou-se na cama e tentou relembrar o que havia se passado nos últimos dias, antes de todo o mundo virar de cabeça para baixo mais uma

vez. Pensava em muitas coisas, mas nada que fizesse muito sentido. No fim, sempre que se distraía um pouco, pegava a si pensando em Carol Adams, perguntando-se qual seria seu estado. Continuou assim por um período que lhe pareceu muitas horas, mas, ao olhar o relógio, entendeu que não haviam passado mais que 30 minutos.

A porta do quarto foi aberta e Michael viu seu tio Ben e seu irmão Brian entrarem. Só em vê-los, sentiu seu coração bater mais facilmente.

– Não dormiu? – perguntou Ben assim que entrou.

– Não consegui.

Brian entrou, mas ficou mudo olhando para o irmão enquanto o tio falava.

– Vocês dois precisam vir comigo, vamos até seu pai.

– Ótimo – Michael sentiu alguma alegria ao ouvir isso –, vamos logo.

– Michael, espere. Preciso que saiba de algo antes. Seu pai está bem, mas por causa de tudo o que aconteceu, ele não vai poder sair do quarto onde ele está, e vocês dois terão de ficar separados também, até segunda ordem.

Michael não entendeu o motivo de tudo. Estava prestes a gritar, mas parou ao ver a expressão de dor no rosto do tio.

– Vamos então – falou Michael, calmamente.

Saíram do quarto e seguiram pelo corredor até chegarem a uma espécie de sala de espera. Não havia ninguém esperando. Só se encontravam lá uma moça que digitava algo num computador, parecia ser alguma atendente; e também estava lá um segurança. Ben Elias falou com a moça por um momento e ela indicou a porta por trás do segurança.

– Venham, garotos – disse Ben.

Atravessaram as portas e chegaram a um novo corredor com várias portas. Ben parou ao lado daquela que contava com o número 3 inscrito acima.

– É aqui – disse ele, e abriu a porta. Ah, aí está você.

E lá estava Satoshi Makoto. Sentado em uma cadeira no meio da sala. A bem da verdade, agora que Michael observara melhor, aquele cômodo era um quarto de hotel, ao menos não poderia ser dito qualquer outra coisa. Estava lá alguma mobília muito boa, incluindo uma cama de casal. O quarto não tinha nenhuma janela, observou Michael de imediato.

– Garotos, como vocês estão? – perguntou Satoshi normalmente.

– Bem, pai – responderam quase em uníssono ao aproximarem-se de Satoshi.

– Eu cuidei pra que eles ficassem bem alojados – disse Ben.

– Obrigado, bom amigo – respondeu Satoshi.

– Pai, o que aconteceu? – questionou Michael.

– Acabou, Michael. Tudo aquilo acabou. Vocês não precisam mais se preocupar com nada que tenha relação com a Fundação Levine.

– Mas o que foi aquele ataque?

Ben respondeu antes de Satoshi.

– Quando vocês foram para a Fundação Levine, a alta cúpula da ONU planejou uma intervenção a qualquer momento. Um dia tivemos um comunicado de emergência do seu pai, e o plano começou a ser elaborado em detalhes.

– Então nós vamos voltar pra Nova York agora? – perguntou Michael.

– Ainda não, filho.

– O que tá acontecendo, pai?

Satoshi ponderou por um momento antes de responder.

– Acho melhor falar a verdade, Satoshi – disse Ben. Eles vão ter de saber mais cedo ou mais tarde.

– Tem razão – respondeu Satoshi. Além disso, vocês passaram por tudo aquilo muito bem, acho que podem saber de todo o resto.

– Qual resto? – agora foi Brian quem perguntou, tinha um ar de alguém que já imaginava qual seria a resposta.

– O homem que vocês conheceram por Joseph Marinville é, na verdade, Eiji Matsuda. Ele foi meu colega há muitos anos. Ele desapareceu completamente depois de um incidente que aconteceu conosco e ninguém ouviu falar dele. Aquele homem é perigoso demais, garotos. Quase não existe um país que não tenha algo contra ele.

– E como é que não o prenderam antes? Marinville era conhecido – perguntou Brian.

– Parece que Sir Ektor gastou uma pequena fortuna para fazer ele “nascer de novo”. Há uma mulher, a única pessoa no mundo que consegue alterar feições, digitais e muito mais. É uma espécie de plástica, mas ela usa aura para fazer. Sir Ektor deve ter pago a ela para transformar Eiji em alguém totalmente diferente e, depois, criou uma identidade nova pra ele na Inglaterra. Não foi fácil, com certeza, mas ele achou que Eiji valia muito a pena.

Os garotos estavam prestando atenção como se suas vidas dependessem daquelas palavras.

– Enfim, Sir Ektor está morto... eu o matei – aquelas palavras pareceram doer ao sair da boca de Satoshi.

– O senhor o matou? – perguntou Michael, espantado.

– Não tive escolha. Eu subestimei aquele homem. Sir Ektor era mais forte e habilidoso do que eu esperava. Eu precisava prendê-lo, mas era impossível pra mim. Se eu não o matasse, ele teria me matado. E ele quase conseguiu.

Satoshi não parecia a beira da morte, mas com certeza estava ferido. Seu queixo estava enfaixado, e havia uma outra espécie de curativo próximo de sua orelha.

– O importante é que agora que Sir Ektor está morto, o mais certo é que Eiji Matsuda esteja no comando da Grey Star. Os Levine não são mais preocupação para nenhum de nós, mas Eiji Matsuda é extremamente perigoso para qualquer um. Quando eu soube que aquele homem estava lá, sob um nome falso, comuniquei assim que pude. Foi difícil, mas pude fazer quando saímos da fundação e fomos para Nova York.

– Por que, pai? – perguntou Brian. Por que não pegaram ele? Planejaram tudo tão bem, mas não conseguiram pegar ele no ataque?

– Você não entende, filho. Eiji Matsuda é um dos Lendários atuais. Eu tive esperança de que Yamamoto-sensei estivesse lá no dia do ataque, mas fomos enganados. De alguma forma, todos pensaram que Marinville tinha ido para Londres, então o sensei foi para lá pouco antes do ataque começar. Quando descobriram que foram enganados, tudo já tinha acabado, e Eiji já tinha fugido.

– Na verdade, tivemos sorte dele ter fugido ao que parece – disse Ben. Nunca o vi em ação, mas se esse é o homem de que tanto tenho ouvido falar, ele realmente é um dos Lendários. Yamamoto deve ser o único homem no país que poderia ter chance contra ele. Ele é tão assustador quanto dizem, Satoshi?

– Eiji Matsuda? Pior. Ele é muito mais forte que eu, pouco mais rápido, tem uma quantidade incrível de aura, possui técnicas únicas e eu nunca o vi sendo pego de surpresa, mesmo quando éramos jovens – Satoshi franziu a testa. Mesmo hoje, isso não mudou, não é? Ele nem mesmo pode usar zanshi, o espírito dele é do tipo destruidor, mas ele sente tudo o que se passa ao redor dele melhor que qualquer um, é inacreditável. Sensei é o único que tem chance contra ele, a não ser que Benjamin se dignasse a fazer alguma coisa, mas faz anos que ele não se importa com isso. Desde que ele desapareceu, Yamamoto-sensei vem procurando por ele de todas as formas, mas nunca o achou.

Michael estava ficando um tanto perdido em toda essa história, então resolveu perguntar algo.

– Esse Yamamoto era seu sensei, pai?

– E do Eiji também. Vocês o conheceram. Foi ele que os abordou na floresta.

Aquele velho!

– Ele já se foi – continuou Satoshi –, mas falou comigo antes de ir. Não interessa o quanto vocês tentassem, garotos. Nunca teriam vencido aquele homem.

– Rum – resmungou Michael.

– Hahahahahahaha! – Brian gargalhou. Ele é incrível mesmo. Deu pra ver que a gente não tinha chance.

– Por falar nisso – interrompeu Ben –, vocês dois saíram do esconderijo e foram para o único lugar onde não poderiam ir. Que burrice infernal deu em vocês?!

Michael sentiu o coração pesar ainda mais. De repente, lembrou de Neville Trusten correndo em sua direção. Naquele momento, Michael teve certeza da morte. Pensando nisso agora, parecia que tudo aquilo acontecera há séculos, no entanto, fazia apenas algumas horas que a guerra havia chegado ao fim.

– Desculpe – começou Michael. Foi culpa minha. Eu... eu precisava ir ver se a Carol estava bem.

Satoshi o olhou complacetemente.

– Michael, não há sinal de Carol. Sinto muito. Ela deve ter fugido junto dos outros. Eu sei o quanto você gostava dela... sinto muito, filho.

Michael ficou em silêncio ao ouvir isso. Agora que sabia que não havia sinal dela...

E a última vez que a gente se viu... que droga foi aquela?! Por que eu não falei o que estava sentindo? O que será que ela sente também?

– Michael – começou Ben –, eu não sei bem o que houve, e não conheço essa garota, mas me escute com atenção. O que vocês fizeram foi uma loucura. Não pense que eu sou alguém que nunca fez loucuras, mas vocês não deviam ter ido até lá. Mesmo que fosse pra tentar salvar ao seu pai, vocês simplesmente não têm condição alguma de entrar numa zona de guerra como aquela. Isso seria suicídio, e quase foi. Vocês ainda não estão preparados pra isso.

A lembrança de Carol veio à mente de Michael.

Droga...

– Eu não sou forte o suficiente – começou Michael. Então eu vou ser. Eu tenho de ser! Não vou deixar isso acontecer de novo!

Todos pararam olhando Michael por um segundo. Brian mudou o assunto rapidamente.

– Pai, vamos comer alguma coisa. A comida aqui deve ser muito boa.

– Eu não posso sair do quarto, filho – respondeu Satoshi.

– O quê? – interveio Michael bruscamente, e lembrou, de súbito, do que seu tio lhe falara há pouco. Mas por que não?

Satoshi olhou de Michael para Brian, e deste para Ben. Parecia estar pedindo ajuda ao amigo.

– Garotos – começou Ben –, seu pai era amigo de Eiji Matsuda desde crianças. Foi Eiji, com o nome de Marinville, que os escolheu sem motivo aparente para irem para a Fundação Levine. Quando descobrimos que Marinville é, na verdade, Eiji Matsuda, algumas pessoas começaram a suspeitar de coisas que não existem e estão acusando seu pai de algumas coisas sérias, como de ser cúmplice do Matsuda.

– Mas isso é ridículo! – Michael ficou de pé ao gritar isso a plenos pulmões.

– Fique calmo, Michael – disse Satoshi suavemente. Ficar assim não vai ajudar em nada.

– Mas isso é uma loucura, pai! Como podem dizer isso?! Querem prender o senhor?!

– Eu serei levado a julgamento interno no secretariado da ONU em Nova York. É um julgamento feito pela própria ONU. Já que sou agente de paz, nenhum tribunal no mundo tem competência para me julgar.

– Isso... isso... – Michael olhou para Brian em busca de socorro, mas encontrou seu irmão pálido como se estivesse morto. Isso não pode acontecer, pai! A gente tem de fazer alguma coisa! A gente tem de fazer alguma coisa agora! A gente... a gente...

Michael se deixou cair novamente na cadeira em que estava antes.

– Nós estamos fazendo, filho – disse Satoshi. Vamos provar que eu não cometi nenhum crime e que não tinha conhecimento de que Marinville e Matsuda são a mesma pessoa. Precisamos esperar o julgamento, já não vai demorar. Vão para o quarto de vocês. Não posso receber visitas por muito tempo, mas prometo que nos veremos depois. Ben vai cuidar de tudo, não se preocupem. Descansem. Saber que vocês estão bem me serve de força. Isso é o melhor que vocês podem fazer agora.

– Mas pai... – murmurou Michael, tão baixo que ninguém conseguiu realmente ouvir sua voz.

O garoto sentiu as bochechas umedecerem. Estava no limite, não podia mais suportar nada daquilo. Sentiu-se cair em um pensamento contínuo e, sem que pudesse realmente impedir, uma música tomou conta de sua mente.

Yo te lo aseguro, nunca fallarás. Cuando tu respondas...

III

Será que ele dormiu? Não parece.

Era o que Brian estava pensando ao olhar Michael na cama, mas não disse nada. O alojamento não era nada comparado ao quarto do pai, não fosse a pequena TV, seria um pequeno cubo de 3 por 3 com uma cama. Olhou para seu tio e se despediu. Ele e Michael não podiam ficar no mesmo quarto, tudo por conta do mal entendido que tinha acontecido envolvendo seu pai.

Brian não foi diretamente para seu alojamento. Aquele lugar onde estavam era realmente grande. Alguma base militar, quem sabe. Mas Brian não sabia e ninguém lhe dizia onde estavam, apenas que ainda estavam em Londres. Fosse como fosse, Brian conseguiu manter a calma. Não gostou do que aconteceu, tal qual Michael, mas o irmão parecia quase desesperado com tudo aquilo.

Não sei bem o motivo, mas eu acho que ele está mais preocupado com a Carol e não com o que pode acontecer com o nosso pai. Mas deixa ele descansar, depois a gente conversa.

Brian estava com fome. Podia andar por quase todo o lugar sem janelas, então foi até o lugar onde poderia conseguir algo para comer. Chegou ao local indicado pelas poucas pessoas que encontrou nos corredores. Chegou a uma sala que mal poderia ser chamada de pequena lanchonete, mas lhe disseram que ali funcionava o restaurante.

As paredes pintadas do mesmo azul que as paredes dos corredores por onde andou. As mesas de madeira aparentavam má conservação, tal qual todo o restante da mobília do lugar. Ninguém comia ali no momento, as únicas pessoas que estavam no recinto eram o homem que aparentava ser um garçom e a mulher que devia ser algum tipo de gerente ou qualquer coisa que lhe valha.

Não havia exatamente um cardápio. Existia apenas uma pequena lista, com nomes e preços, que ficava acima da cabine onde estava a mulher. Existiam menos itens no menu que dedos nas mãos de Brian.

Isso não é uma instalação militar. De jeito nenhum.

Brian pediu a coisa mais familiar que encontrou, um sanduíche natural que vinha acompanhado de suco de maçã. Para sua surpresa, quando o garçom trouxe o pedido, o aspecto da comida era bem destoante do ambiente, aparentava ser deliciosa, e era. Brian comeu com água na boca. Uma bela surpresa.

– Hawk? Você por aqui? – O garçom falou com alguém que acabara de entrar; no entanto, Brian não vira quem entrou, teve de virar-se para ver que era uma mulher desconhecida e não Lenina Hawk, a instrutora da Fundação Levine.

– Boa noite, Tom – respondeu ela –, você pode me trazer um sanduíche como aquele? – Apontou para Brian, ou melhor, para sua refeição.

– Num minuto, Adrian.

A mulher aproximou-se do rapaz que comia solitário.

– Posso sentar aqui? – Perguntou ela com ar despreocupado.

– Não tem ninguém nesse lugar, pode sentar – Brian respondeu.

– Você é um dos Makoto, não é? Filho de Satoshi.

– Sim – ponderou Brian –, e você é...?

– Sou Adrian Genaro. Muito prazer – Brian acenou com a cabeça em resposta para não falar com a boca cheia. Conheci seu pai antes, como ele está? Ouvi dizer que ele tinha sido ferido quando invadimos a Fundação Levine.

– Não foi nada sério, ele está bem. Vocês são amigos?

– Só conhecidos. Trabalhamos juntos uma vez.

– Aqui está, Hawk – o garçom trouxe o pedido da mulher. Bom apetite.

– Obrigada, Tom – disse ela, e ele se retirou.

– Ele te chamou de Hawk? – Questionou Brian.

– É um apelido. Nada demais.

– Apelido... na Fundação Levine havia uma instrutora com sobrenome Hawk, você conhece?

– Não, nunca ouvi falar. Vocês trabalhavam juntos lá?

Brian parou um momento e percebeu que realmente não havia muita semelhança entre Lenina Hawk e Adrian Genaro. Continuou a conversa.

– Mal nos falávamos, mas eu a conhecia. Quando ouvi o nome, me chamou a atenção. Qual o motivo desse apelido?

Ela hesitou um momento.

– Não é cavalheiresco fazer tantas perguntas íntimas a uma dama assim de cara – ela disse com um sorriso nos lábios.

– Uhm. Talvez Michael concordasse, mas eu não. Você começou a perguntar sobre mim e minha família, por que seria deselegante eu te fazer perguntas sobre você?

Ela sentiu, mas sorriu.

– Não fique assim, só prefiro não falar disso agora.

Brian estava quase acabando de comer, deixou o pequeno pedaço do sanduíche que restava, bebeu o suco que ainda sobrava em seu copo e levantou.

– Tudo bem, depois nos falamos.

Foi até a mulher que recebeu o dinheiro pela comida e se despediu mais uma vez de Adrian Genaro.

Tem algo de estranho com essa mulher. Se ela aparecer de novo, é bom eu ficar de olho. Ah, mas e se ela só estivesse me dando mole? Eu nunca fui muito bom com essas coisas.